

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.



COBDEN.

A VIDA da humanidade tem sido uma lucta incessante, em que o erro e a verdade, em campos diversos, e prendendo a si interesses mais ou menos poderosos, teem disputado uma victoria que, por desgraça, esta ultima só tarde tem podido alcançar.

O interesse de classe é quasi sempre a forte trincheira atraz da qual o erro se fortifica; e para transpor-a ás vezes não bastam os raciocinios, nem os principios demonstrados, são necessarias a força, a coragem, a dedicação, e até a vida de muitos homens.

Quando se considera á luz da philosophia a vida das sociedades, parece impossivel que verdades axiomáticas, uma vez descobertas, não sejam logo geralmente abraçadas e levadas á execução; custa a crer que uma vez formuladas as leis naturaes que devem governar as associações humanas, essas leis não sejam respeitadas; antes muitos as combatam e busquem encubril-as pelo sofisma. O egoismo, essa paixão miseravel e baixa, é quem produz tão grandes males, é quem sacrifica povos inteiros ao erro, para não obedecer á verdade, que é sempre nobre, justa, e philanthropica.

A liberdade, principio primordial de toda a sciencia que se refere ao homem, tem sido combatida de baixo de todos os seus aspectos, tem sido negada á maior parte dos homens por esses poucos que sabem tirar proveito da oppressão, que gozam do sangue que suam aquelles que são sacrificados. Em quasi todos os povos hoje se reconhece a verdade do principio, em poucos ainda se começa a comprehender agora o modo de o applicar.

Smith e Say descobriram para o commercio dos povos, para a troca dos productos dos homens, uma lei fundada sobre a liberdade: os prejuizos terriveis em que se bazeam os monopolios, cairam fulminados pelo raciocinio; essas barreiras que entre povo e povo alevantou o systema absurdo das alfandegas, estabelecido sobre os falsos principios de protecção e nacionalidade industrial, mostraram elles que eram invenções barbaras, originadas pelo erro, e protegidas pelo interesse dos monopolistas.

Ao direito de *produzir* pelo trabalho, ao direito de *possuir*, é indispensavel que o homem reuna o direito de *trocar*: este direito nada o póde, nada o deve limitar, senão o interesse daquelle que faz a troca; é mister que lhe seja licito escolher na superficie do globo o objecto que mais lhe convem, qualquer que seja o povo que o produziu, e que com esse troque o producto do seu trabalho: privar o homem deste direito, é fazer-lhe uma espoliação, é constringer-lhe a vontade, é roubar-lhe a liberdade.

Faltar a este principio santo a titulo de proteger um ramo qualquer da industria patria, é legitimizar um monopolio, é empobrecer a nação em vez de a tornar mais rica: quando uma industria se sente ao abrigo da lei, quando não teme a concorrência dos productos estrangeiros, abusa, eleva os preços, não se aper-

feiço: a nação, sendo obrigada por estas circumstancias, a comprar productos máus por um preço elevado, sofre uma espoliação. A nação não fica mais rica por possuir uma industria que só vive pela acção oppressora da lei; pelo contrario, ha nella então um grande numero de individuos sacrificados ao interesse mesquinho de poucos.

A propria natureza marcou como uma lei sua a necessidade das trocas feitas de povo a povo, de clima a clima. As forças naturaes, a aptidão ao trabalho, a natureza dos productos da terra, não estão igualmente espalhados por toda a parte, antes a sua distribuição é muito variada; daqui resulta a necessidade da união dos habitantes de todos os paizes do mundo, da sua harmonia, da sua liberdade de trocarem productos contra productos: é um laço natural que Deus criou para fraternisar os homens.

Uma vez comprehendida, ou antes applicada em toda a sua extensão esta lei natural da *liberdade das trocas*, dois flagelos desaparecerão da superficie da terra; a rivalidade e o odio das classes no coração das nações, a guerra e o odio de povo para povo.

Quando deixarem de haver homens que explorem e homens explorados, cessarão as rivalidades e as luctas, todos serão irmãos: quando cada nação tiver interesse na prosperidade das nações vizinhas a guerra se tornará um impossivel.

Havia muito que estas verdades estavam escriptas nos livros munumentaes dos creadores da Economia Politica, mas todos os ouvidos dos ricos e dos poderosos da terra tinham ficado cerrados para as não ouvir: o interesse individual, o miseravel egoismo era rei e senhor sobre todos, e ainda hoje o é sobre a maxima parte dos que dirigem os destinos dos povos.

As grandes verdades porém encontram sempre os seus apostolos; a *liberdade das trocas* encontrou os seus em Inglaterra, e obteve, depois de uma lucta prolongada, um triumpho brilhante.

Cobden foi o chefe deste apostolado, foi elle quem popularisou Smith, quem, ajudado pelos seus numerosos companheiros, tornou vulgares os principios da sciencia social, cortando pela raiz os prejuizos em que na Inglaterra se fundavam os monopolios, provando o absurdo de engrandecer um povo pela conquista, ou de lhe criar consumidores forçados dos seus productos, estendendo a superficie das colonias.

A Inglaterra, constituida politicamente sobre as solidas bases de uma constituição profundamente respeitada, e apoiada em leis que em tudo se harmonisam com a sua indole e natureza, é com tudo, no que respeita ao trabalho e á troca, uma das nações menos livremente organisadas. Ha alli duas raças, uma conquistadora outra conquistada, uma poderosa e rica, outra mais fraca e abatida, que luctam ha seculos: e ainda que os poderosos tenham perdido grande parte dos seus privilegios, ainda que o systema em que se fundava o seu poder esteja agora profundamente

abalado, com tudo a lucta dura sempre, porque muitas das suas causas estão como dantes arreigadas na sociedade.

A aristocracia ingleza de hoje é composta dos descendentes dos antigos conquistadores, é ella que possui só o solo da Inglaterra. A posse da propriedade territorial pôz-lhe nas mãos o poder de legislar, e ella soube aproveitar-se d'elle por muitos annos para accumular riquezas incalculaveis, que empregou em desenvolver o systema das colonias, destinado a enriquecer os filhos segundos, que são, ora governadores, ora commandantes de exercitos, ora officiaes nas esquadras immensas que exige este systema para se poder sustentar.

O imposto directo, soube-o a aristocracia desviar do solo que era seu, para o fazer cabir sobre a industria: o imposto territorial conserva-se invariavel ha cento e cincoenta annos, apesar da renda da terra se ter tornado sete vezes maior.

O imposto indirecto, recahindo egualmente sobre os objectos segundo a sua natureza, em vez de ser graduado segundo a sua qualidade, peza com grande desigualdade sobre o pobre, que consome os objectos de qualidade inferior.

A isto reunia-se a *lei-cereal* que, prohibindo ou carregando de fortissimos impostos os cereaes estrangeiros com o pretexto de proteger a agricultura, dava aos senhores da terra o monopolio das subsistencias, monopolio que os punha no direito de levantar sobre o pão do povo o enorme lucro de 400 milhões de cruzados por anno.

O regimen colonial peza ainda sobre as classes laboriosas, para proveito da classe privilegiada; não só porque são os homens de trabalho que pagam os immensos impostos necessarios para sustentar a despeza que fazem taes estabelecimentos, em exercito, marinha, administração, &c., mas porque este systema dá origem a muitos monopolios, que todos se sustentam á custa da mesma classe.

Era em Inglaterra como se pôde concluir do pouco que levamos dito, que primeiro se devia fazer sentir a necessidade de levar á pratica os principios descubertos pelos economistas. O padecimento profundo, que consome a classe que trabalha, devia necessariamente acordar nella a sympathia pelas reformas, o desejo ardente de derrubar os privilegios, que a esmagavam.

No meio da miseria que corroia as entranhas daquelle grande povo em 1838, alguns homens dotados de uma vontade inabalavel, de uma fé viva na sciencia, e alumiados pela inspiração do genio, se reuniram n'um pequeno quarto da rua de Newhall's Buildings em Manchester, e alli ousaram conceber o projecto de libertar o trabalho, facilitando as subsistencias, cavando pelos alicerces o privilegio e o monopolio. Estes homens eram poucos, não tinham nem dignidades sociaes nem riquezas, mas tinham a sua con-

vicção, que fortaleciam as horriveis calamidades industriaes que então lavravam profundamente o coração do povo: sabiam que iam emprehender uma obra gloriosa para elles, util para a patria, e não hesitaram. Um esquadrão cerrado de inimigos se lhe estendia diante, fortalecido pelo ouro, pelas dignidades, tendo por si a lei, e os legisladores; nem por isso recuaram. A força antepozeram a justiça; os sofismas combateram-nos pela razão; os votos do parlamento pela eloquencia; á riqueza dos senhores da terra oppozeram a riqueza dos industriaes obtida por subscrições. O combate foi longo mas a victoria chegou.

No começo a aristocracia despreza inimigos tão fracos, não se digna combatel-os; mas quando vê a propaganda estender-se por todo o reino, as subscrições darem 30 contos em 1841, 90 contos em 1842, 160 contos em 1843, 320 contos em 1844, mais do dobro em 1845, quando vê uma assembléa de setecentos ministros das igrejas dissidentes reunir-se em Manchester, os *meetings* collossaes repetirem-se uns em seguida aos outros; então ella percebe a necessidade de combater, mas sente-se fraca e perde a batalha.

Esta associação ou LIGA tornou-se forte, pelas sympathias publicas, e pelos trabalhos sem numero dos seus infatigaveis membros: as grandes alavancas que movem a sociedade de hoje, foram postas em movimento por braços que não cançavam nunca. Associações locaes, estendidas por toda a Inglaterra, punham ao facto a associação central de tudo que podia interessar o futuro da *liberdade das trocas*. Banquetes, festas, exposições, meetings, tinham em continua excitação a opinião do paiz. Professores e oradores buscaram fazer penetrar em todas as classes da sociedade as verdades que defendiam. Milhões de pamphletos distribuidos gratuitamente, folhas avulsas de polemica (*tracts*) escriptas pelos homens mais eminentes, cartazes, annuncios mesmo, tudo se tornava uma arma nas mãos da LIGA.

Um grande numero de senhoras, que a sympathia pelos padecimentos do pobre, e a atracção para quanto ha de grande na terra, natural no bello sexo, chamavam á associação, dedicou-se inteiramente ao triumpho da santa causa que tinha abraçado. As senhoras é quem animavam os combatentes, é quem coroadavam os triumphos: com seus sorrisos davam eloquencia aos oradores, facilidade aos escriptores, força aos que iam enfraquecendo, premio aos que se conservavam fortes.

A obra de Cobden e dos outros membros da LIGA foi uma obra não ingleza, mas humanitaria; o mundo todo deve sentir-lhe os effeitos. Tem-se por vezes agitado problemas de uma ordem mais elevada, que tem abalado a sociedade na sua base, mas nunca nenhum que interessasse mais immediatamente a sorte do povo, e por isso, que podesse ter resultados mais importantes. Com as reformas pedidas pela LIGA deve necessariamente chegar a liberdade dos trabalha-

dores, a sua felicidade, e por conseguinte o seu desenvolvimento intellectual.

Para concentrar n'um ponto todos os seus esforços, para limitar o campo de batalha e fixar a attenção publica n'um objecto cuja importancia era facil de comprehender, a LIGA não fez simultaneamente a guerra a todos os monopolios; procurou derrubar aquelle que era o fecho a que prendia o systema inteiro, e que dava a maior força aos homens do privilegio. Foi a lei dos cereaes que elles atacaram com mais violencia, porque era ella que mais pezava sobre a classe laboriosa: a excellencia da estrategia assegurou-lhe a victoria depois de oito annos de combate.

Em 27 de Junho de 1846 o bill revogando a lei dos cereaes passou na camara dos lords, apoiado por uma grande maioria, e pela auctoridade do maior homem de estado da Europa, de R. Peel. O combate foi ardente, os campeões do monopolio, puzeram em campo as suas forças todas, empregaram todas as suas armas, mas os principios venceram, as idéas progressivas derrubaram os velhos prejuizos, a liberdade do commercio prostrou em terra o miseravel interesse da aristocracia.

Um clamor de alegria celebrou em toda a Inglaterra o triumpho da LIGA. Regosijos publicos, illuminações fantasticas, fogos de artificio fabulosos, banquetes sem conto, tornaram patente a alegria que produzia em todos os animos a inauguração legal dos sãos principios da Economia-Politica. Os nomes de Cobden, a alma da grande associação, e de Robert Peel, o ministro que tinha abraçado como suas as idéas de liberdade, fóram alevantados ao ceu pelo brado de muitos milhares de vozes.

Esta victoria foi seguida da dissolução da LIGA. A associação comprehendeu que os seus principios estavam já arreigados na população ingleza, que as sementes que elles tinham lançado á terra já não podiam deixar de germinar e de dar fructo; e por isso espalhou de novo pelo paiz os seus elementos, quebrando o laço que os unia: certa de que a grande obra se completaria por si mesma, desmontou a machina que julgou inutil.

Foi em Manchester, berço da associação, que teve lugar este ultimo acto da sua existencia. Um *meeting* monstro se reuniu alli; e Cobden, cercado pelo prestigio do seu grande nome, que a victoria acabava de tornar mais brilhante ainda, declarou que a LIGA devia largar as armas, e suspender as suas operações. «Creio, exclamou elle, que a nossa causa não corre já nenhum risco; julgo que seria tão facil abolir a *magna Carta*, riscar a instituição do jury, revogar a lei do *Test* e a *reform-act*, como inscrever de novo no codigão da nação os direitos protectores.»

E' assim que a Inglaterra combate os máus principios, é assim que ella destroe os abusos: sem peccijas, sem sangue derramado nos campos, sem lagrimas vertidas na solidão pelas victimas da lucta, tambem se alcan-

çam victorias, tambem se pôde fazer a felicidade das nações. As verdades não precisam regadas com sangue para serem verdades.

Um dia a humanidade comprehenderá que a razão val mais que os exercitos; que os principios penetram mais fundo do que o ferro.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 6.)

Caulo.

58.º O *caulo*, a que alguns dão impropriamente o nome de tronco, é aquella parte superior e aerea da planta, que crescendo em sentido inverso da raiz dá nascimento ás folhas, e ás flores. A parte central do caulo forma o que se chama *eixo ascendente*.

39.º O caulo existe em todas plantas, mas este orgão é as vezes tão curto, ou tão pouco desenvolvido, que as folhas parecem nascer, não delle, mas do collo da raiz; como se vê no *taraxaco*.

40.º Podem distinguir-se tres especies de caules, a saber, o *tronco*, o *espique*, e o *colmo*.

41.º O *tronco* é lenhoso, conico, dividido e subdividido n'um grande numero de pernadas, e de ramos, de que nascem as folhas: a sua *casca* ou corpo exterior é muito distincto do corpo interior ou lenho, que é sempre formado de camadas circulares. O tronco é o caulo do carvalho, da lorangeira, e de quasi todas as arvores das nossas florestas e pomares.

42.º O *espique* é geralmente simples, quasi cilindrico; isto é, quasi tão grosso no cume como na base, pouco ou nada ramificado, sustentando superiormente as folhas em forma de ramilhete. A sua *casca* é pouco distincta do corpo interior, que nunca apresenta camadas circulares. O espique é o caulo das palmeiras, das dragoeirias, e de outras muitas arvores quasi todas naturaes dos paizes quentes ou tropicaes.

43.º O *colmo* é quasi sempre occo e herbaceo, offerecendo de distancia a distancia nós ou nodosidades, donde nascem as folhas. O colmo é o caulo do trigo, do centeio, da canna ordinaria, e da canna de assucar.

44.º Assim como a raiz procura a escuridão, e só nella se desenvolve; assim tambem o caulo procura automaticamente a luz, porque só nella se pôde desenvolver. E' por esta razão que vemos as arvores inclinadas quasi sempre para o meio dia; e as que foram plantadas em sitios sombrios penderem para os logares mais illuminados para gozarem dos beneficios da luz.

45.º Os caules apresentam muitas modificações pelo que respeita a sua duração, consistencia, forma, direcção, armadura, &c., e dizem-se *annuaes* ou *pe-*

rennes segundo duram um ou muitos annos; *herbaceos*, *arbusculos*, ou *arbores*, segundo pertencem ás hervas, aos arbustos, ou ás arvores; *cilindricos* ou *nodosos* segundo são roliços, ou tem nós; *verticaes* ou *prostrados* segundo se acham aprumados, ou encostados sobre a terra; *espinhosos* ou *inermes* segundo tem, ou não espinhos.

46.º O tronco, ou o caule das plantas do nosso clima, é formado por camadas concentricas, que se sobrepõem umas ás outras. Cortado transversalmente apresenta um certo numero de folhetos ou camadas circulares, que constituem exteriormente a *casca* e interiormente o *lenho*.

47.º A *casca* é composta das seguintes partes — da *epiderme* — do *involucro herbaceo* — do *liber* — e da *camada geradora*.

48.º A *epiderme* é uma pellicula membranosa, que reveste e defende, não só o tronco, mas todos os mais órgãos da planta: exerce os mesmos officios, que a membrana mais exterior da pelle dos animaes, a que tambem se dá o mesmo nome.

49.º O *involucro herbaceo* é uma camada de tecido cellular muito verde principalmente na idade recente da planta, que se acha logo por baixo da epiderme — é no *involucro herbaceo*, e nas folhas, que tem lugar a função respiratoria das plantas. O *involucro herbaceo* observa-se facilmente destacando a epiderme dos ramos novos de uma pereira, ou de outra qualquer arvore.

50.º O *liber* ou o *livrilho* é uma reunião de folhetos fibrosos, que se encontram por baixo do *involucro herbaceo*, e constituem a parte mais dura e mais solida da *casca*. É pelas camadas mais profundas do *liber*, e a favor dos vasos numerosos, que nellas se ramificam, que se effeitua a *principal corrente da seiva descendente*.

51.º A *camada geradora* é uma outra camada de tecido cellular semelhante á do *involucro herbaceo*, que é destinada a gerar as camadas annuaes, tanto do *lenho*, como da *casca* — esta camada que se acha por baixo do *liber* exerce uma das mais importantes funções da nutricção; e renova-se todos os annos para a exercer.

52.º O *lenho* é composto das seguintes partes; do *alburno* — do *lenho propriamente dito* — do *estojo medullar* — e da *medulla*.

53.º O *alburno* é formado por uma ou mais camadas lenhosas de recente formação, mais tenras e esbranquiçadas que as interiores — é tambem pelo *alburno* que se verifica posto que em menor escalla o *movimento descendente da seiva*.

54.º O *lenho propriamente dito* é formado de varias camadas lenhosas mais compactas, e mais escuras que as do *alburno*; como melhor se pôde vêr no *rbano* e nas arvores de *lenho corado*. Estas camadas echam-se logo por baixo do *alburno*; e é pelas mais

interiores dellas que se verifica o *movimento ascendente da seiva*.

55.º O *estojo medullar* é a mais interior das camadas lenhosas destinada a defender e a resguardar a *medulla*: acha-se por baixo das camadas lenhosas, e tem uma organização um pouco diversa do *lenho*.

56.º A *medulla* é um corpo quasi sempre roliço contido no *estojo medullar*, e formado principalmente de tecido cellular: é, segundo parece, destinado a alimentar os gomos. A *medulla* só se pôde bem observar nos caules recentes; nos troncos antigos quasi que desaparece de todo pela obliteração do canal onde se aloja.

57.º Nascem de *medulla* certos raios, ou antes laminas que se dirigem do centro para a circumferencia do tronco e servem de communicar o *lenho* com a *casca*, e a *medulla* de quem são um prolongamento, com o *involucro herbaceo*. Estes raios a que se dá o nome de *medulares* só se deixam vêr no corte transversal do tronco; e não são mais do que os perfiz das laminas longitudinaes, que dividem o mesmo tronco em espaços triangulares semelhantes áquelles, que observamos, quando cortamos transversalmente uma laranja; e que são tambem formados, como todos sabem, pelos perfiz das laminas membranosas que separam os gomos.

58.º Vê-se por tanto que o tronco cortado transversalmente apresenta as seguintes camadas contando de dentro para fóra; 1.º a *medulla* que é a sua parte central, 2.º o *canal medullar*, 3.º o *lenho*, 4.º o *alburno*, 5.º a *camada geradora*, 6.º o *liber*, 7.º o *involucro herbaceo*, 8.º a *epiderme*.

59.º Esta é pois a organização do *carvalho*, do *castanheiro*, da *maceira*; de quasi todas as arvores do nosso clima, e das que estão fóra dos tropicos.

60.º As arvores porém dos climas mais quentes intratropicas, como são a *palmeira* a *dragoeira*, &c., não tem geralmente esta organização; e quando nellas se faz um corte transversal, em vez de camadas concentricas, apresenta-se uma massa de tecido cellular semelhante ao da *medulla* das nossas arvores, atravessado longitudinalmente por um grande numero de fibras. A sua *casca* não tem tambem a mesma organização que a das nossas, nem é tão distincta do corpo central.

61.º As arvores do nosso paiz ramificam-se em pernadas, ramos, e raminhos. Todas estas ramificações são devidas ao desenvolvimento dos gomos ou das gêmmas; e são por assim dizer enxertos naturaes, que nascem uns dos outros. Os gomos devem por tanto merecer ao cultivador grandes e sollicitos cuidados, porque são elles a origem de todos os desenvolvimentos individuaes da planta; e é delles que hão-de brotar as folhas, as flores e os fructos.

62.º As arvores crescem pois lateralmente pelo desenvolvimento das gêmmas lateraes, e em altura pelo alongamento da *gemma terminal*. Ora como a maior parte das arvores dos paizes tropicaes não tem gomos

lateraes, mas somente o gomo terminal, resulta, que estas plantas não se ramificam, mas tão somente crescem em altura pelo alongamento do unico gomo, que possuem. Daqui vem que destruido este gomo a planta perece, porque se destruiu o unico germen do seu desenvolvimento.

63.º As nossas arvores crescem em grossura pela formação annual de novas camadas, tanto corticaes como lenhosas. E na verdade todos os annos se forma uma camada cortical e outra camada lenhosa — a camada cortical pela parte interior ou por baixo das já formadas, e a lenhosa pela parte exterior ou por cima das mais antigas. Estas duas camadas, que vão successivamente augmentando a grossura da planta, são formadas á custa da camada geradora; e uma dellas fica fazendo parte da casca e a outra do lenho.

64.º Daqui resulta que o córte transversal de uma arvore deve apresentar-nos tantas camadas lenhosas, quantos fôrem os annos da planta; e que poderemos conhecer a sua idade pela contagem destas camadas. Esta verdade theorica é confirmada pela observação. Os ulmeiros que nos fins do seculo passado fôram cortados nos *campos elisios* de Pariz, e que tinham cem annos de idade apresentaram cem camadas lenhosas. Algumas das bellas arvores ha pouco abatidas no passeio publico de Lisboa apresentavam, como nós observávamos, noventa e mais camadas lenhosas, que bem deixavam vêr a sua antiguidade, e a barbaridade da mão *arboricida* que as derribára.

65.º As camadas lenhosas são tanto mais duras quanto mais antigas, ou mais interiores, o que é o mesmo. A sua espessura corresponde á maior ou menor energia vital da planta; é por isso que as camadas mais espessas são as medias, ou as que correspondem á idade adulta dos vegetaes.

Gomos ou Gemmas.

66.º Os gomos ou gemmas propriamente ditas são corpos de fórmulas variadas, mas ordinariamente ovaes, formados por um pequenino eixo central geralmente guarnecido de escamas estreitamente unidas umas ás outras: encerrando dentro de si os rudimentos dos ramos das folhas e das flores.

67.º E na verdade se fendermos longitudinalmente um gomo qualquer (o do lilaz por exemplo) veremos que elle se compõe, 1.º de um eixo central que apresenta um canal medullar que communica com a medulla, 2.º de apêndices folheaes ou de folhinhas quasi imperceptiveis, que nascem do mesmo eixo: estes apêndices são os rudimentos das folhas, o eixo é o rudimento do ramo. Mais adiante veremos que esta organisação do gomo é semelhante á da semente.

68.º Os gomos desenvolvem-se na axilla das folhas, isto é, no angulo que a folha forma com o ramo de que nasce; as folhas não só servem para agasalhar mas também para nutrir o gomo.

69.º Pôdem distinguir-se tres epochas em toda a carreira do desenvolvimento dos gomos. Começam por apparecer no verão debaixo da fórma de pequenos corpos, a que se dá o nome de *olhos* — é a sua primeira epocha. Continuam a desenvolver-se durante o outono, e dá-se-lhe então o nome de *botões* — é a segunda. Ficam dormentes durante o inverno, dilatam-se e incham depois na primavera, e recebem então o nome particular de *borbulhas* ou de gomos propriamente ditos — é a sua terceira e ultima epocha.

69.º Os gomos das plantas dos paizes frios são ordinariamente escamosos, e ás vezes até *cotanilhosos*; isto é, revestidos de uma especie de pennugem ou cotão — os dos paizes muito quentes são *nús*, porque não precisavam ser resguardados contra os rigores das estações frias. Nos cuidados que a natureza toma em resguardar e nutrir os gomos deve aprender o agricultor a imital-a, defendendo e resguardando com amor estes tenros germens donde lhe ha-de provir toda a recompensa das suas fadigas.

70.º Os gomos são, ou *folheaes*, ou *floraes*, ou *mixtos* — dos primeiros só nascem ramos com folhas; dos segundos ramos com flores; dos terceiros ramos com folhas, e flores. Vê-se pois que só dos 2.º e 3.º devem provir fructos, e que só destes nos devemos servir no processo da enxertia. Distinguem-se os *floraes* e *mixtos*, a que também chamamos *fructiferos*, dos *folheaes*, em que estes ultimos são delgados e agudos, em quanto os primeiros são grossos, curtos, e arredondados: esta distincção é muito importante para o cultivador.

71.º Os gomos servem de continuar a vida individual do vegetal — as sementes servem de perpetuar a vida da especie. E' pela semente que começa a desenvolver-se uma nova planta; é pelos gomos que se continua o desenvolvimento da antiga. — Vê-se portanto a analogia que ha entre as funcções dos gomos e das sementes; e se reflectirmos na analogia que também ha pelo que respeita á sua estrutura, visto que ambos estes orgãos defendem e agasalham dentro de si os rudimentos de novas plantas, encontraremos as razões porque os gomos tem sido considerados como corpos mui semelhantes ás sementes; de modo que alguns os tem apellidado sementes fixas; e outros mesmo *embrões fixos* para os distinguir dos *embrões livres*, ou *dessas plantas em miniatura*, que se encerram na semente, e de que fallaremos mais adiante.

72.º Ha ainda outra especie de gomos, a que damos o nome de *turiões*, proprios das plantas vivazes e lenhosas, e que nascem constantemente debaixo da terra sobre as raizes ou sobre os caules subterraneos; como se vê nos *espargos*, na *acacia*, no *carvalho*, &c. A differença que existe entre o *turião* e o gomo propriamente dito, é que o segundo começa a desenvolver-se no ar e na luz, e o primeiro na terra e na escuridão.

73.º O *bolbo* ou *cebolla* é ainda outra especie de-

gomo ordinariamente formado de escamas, terminando-se inferiormente pela raiz e superiormente pelas folhas e pela flor, por exemplo, as cebollas do açafrão e do jacintho. O bolbo antes se deve reputar como um vegetal completo do que como um gomo.

74.º Os *bolbilhos* são pequenos gomos solidos ou escamosos, que nascem em diferentes partes da planta, que podem vegetar separados della, e reproduzila como se fossem verdadeiras sementes, por exemplo, os gomos do *lirio bolboso*. As plantas que offercem semelhantes gomos tem o nome de *viviparas*.

Folhas.

75.º As *folhas* são expansões membranosas, ordinariamente planas de formas mui variadas, que nascem sobre o caule e sobre os ramos das plantas, e formam um dos seus mais bellos ornamentos. São os órgãos principaes da evaporação aquosa, da decomposição dos gazes, e da elaboração dos succos, e por conseguinte agentes essencialissimos da nutrição; como adiante veremos.

76.º As *folhas* são commummente compostas de duas partes; o *peciolo* ou *cauda da folha*, que é o seu sustentaculo, e a *lamina* ou *limbo*, que é a parte plana e foliacea sustentada pelo peciolo.

77.º As partes, que geralmente se distinguem na folha, são a *base* ou o ponto, que a une ao ramo donde nasce; o *cume* ou o ponto opposto á base; o *contorno* ou a linha que limita a sua circumferencia; e ultimamente a *face superior* ou a que olha para cima e se volta pera a luz; e a *inferior*, ou a que olha para baixo, e se volta para a escuridão.

78.º As *folhas* são formadas pelo desenvolvimento e ramificação de um feixe de fibras e de vasos, chamado *feixe fibro-vascular*.

79.º Este feixe, que constitue o que chamamos peciolo, divide-se e ramifica-se ao entrar na folha, e forma quasi sempre uma especie de rede que representa em certo modo o *esqueleto* da folha; e forma malhas, que se acham cheias de um tecido celular mais ou menos abundante e verde.

80.º A *face superior da folha* é ordinariamente liza, verde, cuberta por uma membrana adherente, e munida de poucos poros ou aberturas corticaes — a *face inferior* pelo contrario é de uma côr menos carregada, ás vezes até esbranquiçada, quasi sempre coberta de pellos ou de penugem, revestida de uma membrana pouco adherente, e crivada por um grande numero de aberturas corticaes. Esta differença de estrutura faz desde logo presumir, que cada uma destas faces da folha é destinada a exercer funcões diversas, como em verdade acontece.

81.º A *face inferior da folha* torna-se ainda notavel por um grande numero de linhas salientes a que se dá o nome de *nervuras*: todas estas linhas nascem do peciolo ou cauda da folha. Ha entre ellas uma que

se torna mais notavel, apresentando-se na parte media deste órgão como continuação do peciolo — tem o nome de *nervura mediana* ou *costa da folha*.

82.º É ordinariamente da base, ou das partes lateraes da *nervura mediana*, que nascem as outras *nervuras*, a que se dá o nome de *secundarias*; estas dão successivamente origem a outras, que se vão ainda subdividindo e ramificando até formarem as ultimas divisões, que se chamão *veias da folha*.

83.º As *nervuras* não apresentam sempre a mesma disposição em todas as plantas; umas vezes nascem da base da folha, e vão divergindo á maneira dos dedos da mão aberta, como se vê nas folhas da *althea*; outras vezes nascem ainda da base, e continuão parallellas á *costa da folha*, com se vê no *trigo* ou na *cevada*; outras vezes fórmão pequenos arcos, que nascem tambem da base e terminam no cume da folha, como se vê na *canelleira*; outras vezes finalmente nascem não da base, mas da *nervura mediana*, e dirigem-se parallellamente para os lados da folha, como as barbas de uma penna, como se vê na *bananeira*.

84.º Tudo o que temos dito com respeito á folha é muito facil de comprehender, tendo alguns destes órgãos presentes ao passo que se lêr a sua descripção.

85.º As *folhas* apresentam numerosas modificações de forma, de consistencia, de côr, de direcção, &c. que não podem ser aqui enunciadas.

86.º As *folhas* são *simples* ou *compostas*: dizem-se *simples* quando o peciolo não offerece divisões, e quando o limbo é formado de uma só peça, por exemplo, a folha da *azinheira*, da *larangeira*, &c.: dizem-se *compostas* quando são formadas de um certo numero de pequenas folhas a que se dá o nome de *foliolos*, sustentadas, ou por um peciolo simples, ou por um peciolo ramificado; taes são as folhas da *acacia* e do *castanheiro da india*.

87.º As partes que entram na organização da folha são, 1.ª o *feixe fibro-vascular*; 2.ª o *tecido celular verde* (*parenchima*); 3.ª a *epiderme*.

88.º Os vasos e fibras que formam o *feixe fibro-vascular* nascem do caule, e penetrão na folha, onde, como já dissemos, se ramificão constituindo as *nervuras*: o officio provavel das fibras é conduzirem para dentro da folha a seiva ascendente para ali ser elaborada; e o dos vasos é levarem da folha para as outras partes da planta a seiva descendente, ou já elaborada; isto é, a seiva propria para a nutrição da planta.

89.º O *tecido celular verde* é um aggregado de *cellulas* dispostas em camadas, que enchem os espaços que as *nervuras* deixão entre si, e dão á folha a côr verde, que a caracteriza; é facil observar este tecido levantando a *epiderme* ou *cuticula* que cobre as folhas: a da couve presta-se muito bem a esta observação.

90.º Assim como os vasos da folha nascem do liber do caule, assim o *tecido celular* nasce do involucre herbaceo do mesmo caule.

91.º A côr verde das folhas é devida, como a do involucro herbáceo em geral, a uns grãosinhos verdes que existem no interior das cellulas. As folhas das plantas subtrahidas á acção directa da luz solar *estiolão-se*, isto é, tornão-se amarellas e palidas pelo desapparecimento daquelles grãosinhos a que se dá o nome de *chromula*. E' por isso que os agricultores interram algumas hortaliças, como as *chicorias* por exemplo, para lhes dar uma côr esbranquiçada e um sabor adocicado.

92.º As cellulas deixam entre si pequenos vazios, muito semelhantes aos do bofe dos animaes, onde o ar penetra para ser decomposto e respirado.

93.º E' muito singular que as plantas aquaticas tenham uma respiração diversa da das plantas aereas, e que esta diversidade guarde uma certa analogia com as differenças, que apresenta a funcção respiratoria dos animaes, que vivem e respiram no ar, e a dos que vivem e respiram na agua.

94.º A *epiderme* finalmente é uma pelicula membranosa em fôrma de bolsa espalmada, que defende em parte os tecidos interiores da folha do contacto immediato dos agentes exteriores (ar, humidade, luz, &c.) deixando todavia penetrar pelas pequeninas bocas ou aberturas, de que é munida, não só o ar, mas tambem os gazes e fluidos nutritivos, que nelle se achão suspensos. E' muito facil observar a epiderme destacando-a de varias folhas, principalmente da sua face inferior; a folha da videira presta-se muito bem a esta observação.

95.º Depois do que levamos exposto é facil conhecer que as folhas são órgãos essenciaes da nutrição, e destinados a exercerem funcções da primeira importancia. Effectivamente; 1.º ellas absorvem na atmosphera ou no ar as substancias nutritivas que nelle se achão suspensas no estado de gaz ou de vapores; 2.º ellas commutam e organisam estas substancias, tornando-as proprias para serem assimiladas ou para fazerem parte da planta; 3.º ellas decompõem pelo acto da respiração esse gaz, que existe sempre no ar e que se chama *gaz acido carbonico*, extrahindo delles o *carboneo* ou o carvão, que é a principal base da alimentação dos vegetaes; 4.º ellas lanção fóra de si ou exgregam certas substancias inuteis ou prejudiciaes á nutrição e conservação da planta; 5.º em fim ellas são órgãos, que presidem a varios movimentos involuntarios do vegetal, e em que se manifesta o curioso phenomeno do somno das plantas.

96.º Vê-se por tanto que as folhas e as radículas, que são as duas extremidades terminaes do caule e da raiz, exercem funcções muito analogas não só como órgãos absorventes, mas tambem como exhalantes e excretos. E' por esta razão que as folhas são reputadas como as raizes aereas das plantas — e na verdade é por estas duas extremidades que a planta se nutre; e em muitos casos, mais concorrem ainda as folhas do que as raizes para a absorpção das substan-

cias nutritivas; porque estas substancias não se encontram sómente na terra debaixo da fôrma solida ou liquida, encontram-se tambem no ar debaixo da fôrma gazosa ou vaporosa.

97.º Ha uma epoca nos nossos climas em que as plantas perdem geralmente as suas folhas: esta epoca chama-se a da *desfolha* ou *defoliação*, e coincide geralmente com os fins do estio e principios do outono. Ha porém arvores e arbustos que nunca são despojados do enfeite gracioso das suas folhas, e que por esta razão se denominam *sempre-verdes*, como são a lorangeira e o buxo.

98.º Quanto mais affastados os paizes se acham dos tropicos, tanto menor é o numero de arvores *sempre-verdes*, que nelles se encontra. Assim na Madeira ha um maior numero destas arvores do que em Lisboa, e em Lisboa um maior numero que em *Montpellier*, e assim por diante caminhando para o polo.

99.º Nos tropicos quasi todas as arvores são *sempre-verdes*. A vegetação é ahí mantida n'uma actividade continua pelos seus dois agentes principaes o calor e a humidade; assim as suas florestas são admiraveis, e as arvores que as povoão frondosas e gigantescas.

100.º Quando as arvores se veem despojadas do ornamento das suas folhas ficão n'uma especie de entorpecimento vital. A seiva que antes afluia copiosamente para os seus ramos apenas goza de um movimento latente e insensivel; de modo que ha uma quasi suspensão das funcções nutritivas. Este estado constitue o phenomeno da *hibernação*; phenomeno muito semelhante ao que observamos em alguns animaes (em muitos reptis por exemplo) durante os frios da estação invernos.

101.º Este estado porém desaparece logo que a luz e o calor do sol, e outras influencias da primavera, começando por excitar e aquecer os órgãos da planta conseguem finalmente arranca-la do seu somno hibernal. A vida desperta-se então de novo — a seiva começa a subir com desusada energia desde a raiz até aos gomos — estes desenvolvem-se rapidamente, e no seu desenvolvimento vão attrahindo o fluido nutritivo — as folhas desabrochão então, depois d'ellas as flores, e finalmente os fructos. Apoz desta serie de trabalhos organicos vem nova epoca de estancamento e de descanso vital — e esta alternativa, que é a de toda a natureza viva, reproduz-se annualmente em quanto a planta dura.

ILLUMINAÇÃO A GAZ.

A CARAM de illuminar-se algumas ruas da capital pelo processo adoptado nas mais bellas cidades do mundo; pela illuminação a gaz.

Este processo de illuminação, apezar dos aperfeiçoamentos feitos hoje nos candieiros de azeite, velas, &c., é aquel-

le que apresenta maiores vantagens, não só porque a luz do *gaz-light* tem um poder illuminante muito maior, mas porque é proporcionalmente mais economica.

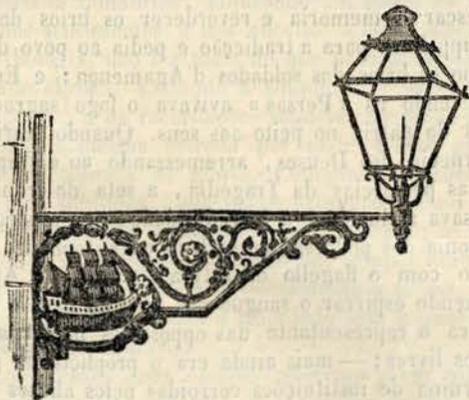
O *gaz-light* é uma combinação gazoza de carvão e de *hydrogenio*, ordinariamente misturada com outros gazes, em maior ou menor quantidade, segundo é mais ou menos puro: este gaz tem a propriedade de arder em presença do ar, dando uma luz bastante intensa, mas que é tanto mais intensa quanto maior é a porção de carvão que entra na sua composição.

O gaz das illuminações, obtem-se decompondo pela acção de um forte calor, o carvão de pedra, substancias gordurosas, como azeite, oleos, &c., e a rezina: é do carvão de pedra que mais ordinariamente se faz a extracção. Esta decomposição faz-se em grandes vasos de ferro coado, cilindricos, ou de outra qualquer fórma, que se enchem da substancia de que se quer fazer a extracção (carvão de pedra por exemplo), e que, collocados sobre fornos de uma construção particular, são levados a uma alta temperatura.

O calor elevado produz a decomposição, e o gaz das illuminações sae por um tubo que está no extremo do vaso de ferro coado, misturado com outras substancias, e vaee passar n'uma vazilha, denominada *barrilete*, onde deixa parte das impurezas: depois atravessa outro vaso de ferro fundido, em que, segundo os melhores processos, se collocam camadas de ferro misturado com cal, para purificar o gaz de um outro, que com elle se acha em mistura, denominado *hydrosulfurico*, muito prejudicial, não só á luz, mas á saúde dos homens; o gaz passa depois para outro reservatorio de chumbo, que contem acido sulfurico e agua; e finalmente passa aos *gazometros*.

Os *gazometros* são grandes reservatorios feitos de placas de ferro, muito bem unidas entre si, de modo que não possa sahir o gaz que elles são destinados conter. A fórma dos *gazometros* é a de uma grande campanulla invertida, que se acha mergulhada n'um vasto tanque de madeira ou de pedra cheio de agua. Os *gazometros* estão suspensos ao tecto da casa, onde se acham collocados, por uma forte cadeia de ferro que, passando por duas roldanas, sustenta no outro extremo pesos destinados a conservarem os *gazometros* em equilibrio. A proporção que o gaz vaee entrando nos *gazometros* estes vão-se elevando, até que de todo fiquem cheios de gaz.

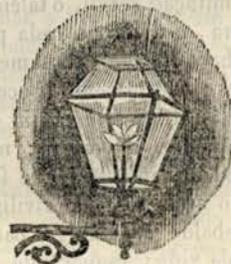
Na parte superior de tes depositos de gaz abre-se um largo tubo ou canal, fechado por uma torneira, que serve, quando esta se abre, para dar passagem ao gaz que se distribue pelos canaes, que por debaixo do chão o conduzem aos candelabros.



A forma dos candelabros é muito variada, e depende do lugar que se quer illuminar: nas ruas, umas vezes se lhes dá o feitio de uma grossa columna de ferro que parte do chão,

ou que é sustentada por um marco de pedra; outras vezes a de um braço de ferro, mais ou menos ornado que, sabindo da parede por onde se introduz o tubo que conduz o gaz, sustem no extremo o candelabro; esta forma foi a que se adoptou até agora na illuminação de Lisboa, como se vê da nossa estampa; nas praças, os candelabros são sempre de forma columnar, mas umas vezes é a luz distribuida por muitos candelabros pequenos, outras as praças são illumina-das por um unico candelabro de grandes dimensões, collocado no seu centro.

Os bicos de gaz, e a forma dos candelabros deve ser tal, que satisfaça ás condições exigidas por todos os outros modos de illuminação, quando são perfectos: isto é. que a temperatura da combustão seja elevada, que o volume da luz seja pequeno, e que haja uma porção sufficiente de ar para que possa a combustão ser completa; nos bicos de gaz é indispensavel outra condição ainda, e vem a ser, que o gaz saia igual e regularmente. Para conservar a temperatura usa-se de uma chaminé de vidro, com um rebordo no meio, da forma das que se empregam nos *candelabros francezes*, porque esta estando sempre n'uma forte temperatura junto da chamma, conserva-lhe o calor necessario: para que haja ar sufficiente dá-se ao bico, por onde sae o gaz, a forma de um tubo, — na parte superior da qual se abrem pequenos furos para que o gaz saia com egualdade, — de modo que haja, como nas lampadas de Argand, duas correntes de ar, uma por dentro outra por fóra da luz.



Porém nem sempre se observam estas condições; e entre nós não foram ellas observadas. Os bicos acham-se no meio do ar, apenas abrigados do vento por uma lanterna; e a chamma, em vez de ter uma direcção regular e vertical, lança-se para os lados com a fórma de uma tulipa. Em disposições desta natureza, sacrificam-se á singularidade dos effeitos uma parte do poder luminoso, e o que é peor ainda ha uma perda de gaz que arde por luxo, excluindo toda a economia.

Seria para desejar, que aos bicos que se fossem construindo de novo se desse a forma mais conveniente e mais razoavel.

LITTERATURA E BELLAS ARTES.

A ESCOLA MODERNA LITTERARIA.

I

O SR. GARRETT.

A REVOLUÇÃO poetica que tomou de assalto o Parnaso, restaurando o profanado altar da tradição popular, proclamou a liberdade, e não a licença. Expurgou de abusões fanaticas o culto; porém logo impoz ao novo sacerdocio a regra de uma religião, em que a letra não mata o espirito, a imaginação não

roja escrava, e o gosto não verga á auctoridade do preceito em nome do exemplo absoluto.

A critica regenerou-se com a arte; senão se esperguiça já, como o verme, roendo verso a verso, pagina por pagina as obras que avalia, outros deveres mais espinhosos, menos faceis de cumprir a regem, e a dominam. Chamada para decidir em toda a imparcialidade, não póde argumentar com a imitação, como a antiga; ha-de remontar-se á esphera da intelligencia, aonde reina o espirito de todas as epocas, e canta a voz de todos os povos.

Para os homens do passado a arte reduzia-se quasi ao trabalho mechanico de alinhar as rimas, disciplinar os periodos, e arredondar a frase assoprando-a de conceitos, ou de imagens. A poesia não se estudava no coração e na existencia; o universo da renascença resumia-se nos livros; por isso a sua arte é um ecco, e não uma voz. Copia decorada, como a mascara de cêra moldada sobre o rosto do cadaver, é verdade que traz a effigie das feições, porém vem morta de toda a expressão.

Extatico diante dos modellos, divagando pelos curtos dominios da imitação servil, o talento empalidecia, a lingua balbuciava, e a idéa a cada passo tropeçava. Reflexo infiel e baço de um pensamento sem raizes nas crenças actuaes, (exceptuando poucos engenhos privilegiados) esta litteratura sem patria e sem altar, é presumida, perfumada, e cortezã; não respira um só dos affectos, ou dos instinctos que fazem do poema o monumento e o evangelho da civilisação. Adorando a estatua, debalde se afadiga para lhe acender no seio o lume da vida; esquecendo que o raio da inspiração é que anima as grandes creações, gloria de um nome, e divisa de uma nação. Fóra das sympathias do povo, que não conhece, e tambem não a entende, nem a quer, amollecia nos toucadores das princezas, ou nos serões da corte, parasita, estrangeira, fallando romano e grego na lingua natal, revendo-se no espelho de Plauto ou de Horacio, e deshonrando-se de participar das alegrias e das esperanças das multidões. As escholhas da renascença classica eram puramente estatuarías; tinham bellezas, tinham symetria e graça por vezes, porém não viviam; em nos aproximando dellas foge a illusão, e apalpa-se a rijeza do marmore debaixo do contorno mais esmerado.

A censura filha sua reluctava entre a apologia e a satyra; citava o poema perante os glosadores de Aristoteles, e condemnava ou absolvía lendo por um dos capitulos das suas ordenações poeticas. Hoje a critica vê na arte um pensamento uno, e em cada ramo as suas manifestações diversas. Eleva-se da anatomia do verso á physiologia intellectual, procura além da melodia dos sons a verdade e a harmonia das idéas.

E não é só do nosso tempo este modo de avaliar as obras litterarias; a theoria pertence-nos tambem em grande parte, de certo — mas a sua vulgarisação é que se nos deve sobre tudo.

O bom velho do nosso Antonio Ferreira, quando se queixava da raiva dos rebocadores poeticos, que

Roendo o triste verso, como traça

Sem sangue o deixam, sem esprito, e vida!

já punha o dedo sobre a chaga; e o famoso inglez, auctor do *Essay on Criticism* tambem dizia muito antes de nós que o maior perigo é *saber pouco*

« *A little learning is a dang'rous thing;* »

Ora Pope tinha razão; o defeito das litteraturas chamadas classicas é o estudo microscopio da fórma. Escapa-lhes sempre de ordinario o grandioso e o sublime. Encerradas no casulo tecido laboriosamente por uma erudição incompleta, nunca se atreveram a romper a teia, e a voar transformadas como a chrysalida pelo espaço livre, aonde subiram os typos da sua admiração. O *Sic itur ad astra!* de Virgilio, era para ellas um enigma.

A aberração da renascença provinha do erro de cegar a intelligencia na letra, deixando fugir o sentido dos exemplares que dissecava infatigavelmente. O estudo dos primores antigos era incompleto; separava-se o livro do auctor e da sociedade, que o inspiravam. Figuravam-no só no espaço, como os monumentos gigantes que o Egypto contempla erguidos na immensidade do oceano arenoso dos desertos.

E entre tanto em Homero vivem as canções heroicas de um povo guerreiro; os episodios de uma lucta immensa; os costumes e os feitos da antiga raça helena, quando trahordou como os cruzados sobre a Azia para lhe revelar pelas armas a civilisação nascente. Eschillo, Euripedes, e Aristophanes são o retrato da nação grega, o quadro da sua vida publica, a expressão das crenças e dos sentimentos que no progressivo amadurecer das idéas se iam gravando nas paginas da historia humana.

Quando Solon colligiu os cantos de Homero para refrescar a memoria e reverdecer os brios da Grecia appellava para a tradição e pedia ao povo do seu tempo os brios dos soldados d'Agamenon; e Eschillo escrevendo os « *Persas* » avivava o fogo sagrado do amor da patria no peito aos seus. Quando Euripedes escarnecia dos Deuses, arremessando ao olympto entre as peripecias da Tragedia, a seta da ironia expressava a duvida e a incredulidade, que amarguram a agonia dos poderes decrepitos; e Aristophanes açoutando com o flagello da satyra as faces de Athenas e fazendo espirrar o sangue dos tartufos para o tablado era o representante das opposições modernas nos paizes livres; — mais ainda era o propheta da proxima ruina de instituições corroidas pelos abusos e pelo sofisma.

Vista por este aspecto quem negará á litteratura grega a profunda nacionalidade da inspiração e do as-

sumpto? Aonde ia ella baptisar-se senão á fonte divina da tradiçãõ? De quem era ella filha senão do povo, cujo thesouro de gloriosas recordaçõs dourava com o relevo da harmoniosa e casta linguagem? Estaria a renascença de accordo com os modellos quando voltando as costas á inspiração natal velava á luz da alampada curva sobre um sepulchro a pezar a poeira de uma civilisação extincta, tentando amassar com ella as creações da arte? De certo não. A renascença trahiou as idéas antigas do mesmo modo que pela idolatria da fôrma, profanou o sacrario das tradiçõs, a que é devida a nacionalidade dos diversos reinos. A sua obra foi todavia necessaria. Devêmos-lhe a revelação da arte grego-romana; deve-se-lhe o lavor ingrato, mas util, pelo qual se desbastou a rudeza intellectual, que desde a decadencia do Imperio tinha condensado as trevas da barbaria em volta do berço dos modernos povos.

E', pois, evidente que a eschola moderna pela liberdade de escolha nos assumptos, e pela sancção das regras convencionaes da fôrma, está mais em harmonia com a litteratura classica, do que a renascença. O maravilhoso christão substituido á Theogonia de Hesiodo, e ás imagens para nós inssossas da Grecia poetica, nada mais representa, do que a indispensavel alliança do sentimento religioso com as idéas sociaes. Se Eschillo ou Homero em vez de invocar Jupiter, Cybelle ou o velho Saturno, Deuses tutelares da patria, tirassem o seu maravilhoso da mythologia indiana todo o amphitheatro levantando-se em Athenas accusal-os-ia de falsificarem a tradiçãõ, corrompendo a sublime poesia nacional. O paganismo e as suas methamorphoses tragicas ou risonhas são gravados com o cunho popular na medalha antiga; copial-os é o mesmo que dar a Napoleão as feiçõs e os trajes de Pompeo. As epocas não se erram impunemente; — a vida da nova civilisação não se infunde no cadaver da antiga sem condemnar o vivo á immobildade do morto como no supplicio de Mezencio.

A eschola romantica, abjurando em nome da verdade dos sentimentos e dos affectos o culto absurdo da mythologia, não fez mais do que naturalisar-se na sociedade christã. Voltando á simplicidade da tradiçãõ popular, e ás recordaçõs saudosas da meia-idade tomou a mesma estrada por onde a arte grega caminhára coroada de gloria. Collegindo as canções rudes mas sublimes, que são o primeiro hymno que entõa a lingua dos povos ao sahir do berço; e restaurando o vulto quasi obliterado dos tempos heroicos da historia moderna, deu ao pensamento a fôrma, que o devia conter, e á poesia a liberdade sem a qual não ha verdadeira inspiração.

Donde vieram esses moldes inflexiveis, em que a renascença estalava as idéas e a ousadia dos poetas? Da auctoridade de um critico filho da decadencia grega, anatomico e não creador dos admiraveis poemas, que analisa. Ora por maior que seja a sciencia e o

gosto de um homem, mandar parar seculos de progressiva civilisação á sua voz, e fazel-os ajoelhar diante do seu tumulo é proferir uma blasphemia contra a intelligencia humana. O Livro de Aristoteles, interpollado, serviu de thema aos glozadores — e foi o cumplice innocente da tyrannia academica. Horacio escrevendo aos Pisões a sua conceituosa Epistola de certo estava longe de suppor, que as victimas della seriam mais numerosas que os versos.

Contra a falsa interpretação é que o engenho moderno se insurgiu. As ficções pagans fôrão desterradas; e o viver e crer do povo, o maravilhoso das fabelas e preconceitos nacionaes, e a illiada das batalhas, que são as glorias da tradiçãõ, serviu de moldura aos labores da arte, tendo por alma a vida religiosa e social deste seculo, como a antiga na Grecia tivera para fundo do painel as eras de lucta em que os homens eram quasi da estatura dos Deuses, e para expressão e gesto as virtudes guerreiras, que salvaram a patria e a liberdade em Plateias e Marathona.

Desta eschola, no sentido mais elevado da sua aspiração é fundador o Sr. Garrett em Portugal. O primeiro que entendeu a belleza engenua da poezia popular, e a requestou com a mais casta devoção foi o auctor de D. Branca. E a singella Muza tanto tempo desprezada entre o povo, não se mostrou nem esquivada nem ingrata. Até hoje nenhum poeta foi mais favorecido. Familiar com elle, patenteou-lhe todas as graças, e revelou-lhe o raro segredo de prender a inconstancia, e de cortar, apezar dos annos, cada vez mais frescas as rozas da sua corôa.

O Sr. Garrett não é só um poeta, é uma litteratura inteira. Para o apreciar não basta estudar as obras que tem produzido; torna-se indispensavel antes saber donde descende, e como se formou. A genealogia dos escriptores, e a sua filiação litteraria são essenciaes á critica para não faltar ao retrato com a verdadeira phisionomia.

Como Chateaubriand e Byron, (os primeiros inovadores romanticos) o Sr. Garrett colheu no estudo dos modellos gregos e romanos a flor da erudição antiga. No facil do estillo, na graciosa fluencia do periodo, no odio ao amaneirado, e na finura da frase sente-se logo, que o poeta é amigo intimo do jovial Horacio, de Homero, e do austero Eschillo. Advinha-se a sua intimidade com o primeiro orador romano. Os antigos são excellentes exemplares de estillo; á lima frequente que davam ás suas obras devem a concisão, a limpidez, e a perfeição rarissima, que as esmeram. Dispondo da riqueza de uma lingua opulenta, com o gosto e o ouvido educados pela graça atica da eschola Atheniense, tanto os poetas como os prosadores, neste ponto, são a desesperação dos modernos.

A propriedade da frase, e a pureza do estillo, em que a idéa se engasta com relevo, deslumbram sempre. Virgilio, Catullo e Propercio, sobre todos offe-

recem trechos nos quaes parece terem advinhado a poesia actual, unido ao grandioso das imagens as gallas castigadas do metro sonoro, e da melodia mais delicada. O Livro II da Eneida e todo o Livro IV disse-hião escriptos um por Byron e o outro por Lamartine quanto á verdade das scenas e á energia das paixões, se o romano os não excedesse muito na arte de retocar com admiravel perfeição o menor cambiantes do pensamento.

Esta robusta infancia litteraria ministrou ao Sr. Garrett a côr fina e transparente da sua pintura, a sobriedade escolhida, e o gosto das suas imagens. Sentese nas melhores obras do poeta portuguez o perfume hellenico, e admira-se repetidas vezes nelle todo o mimo da correção Racinianna. Discipulo da escola de Philinto a lingua debaixo dos seus dedos dobra-se e ensinua-se docil, adequada á forma que reveste, e cunhando com a maior limpidez a idéa, que traduz. Francisco Manoel no meio do cabedal de vocabulos que accumulára, e com que additava a lingua, nunca soube fazel-a tão familiar; guindava-a de mais; contoreia o periodo em construcções forçadas; e o alardo da locução escura tirava-lhe a flôr que só dá a simpleza e o natural.

No tempo em que o Sr. Garrett começou a tratar as lettras ardião em guerra as duas escolas rivaes — de Elmano e de Philinto. O Sr. Castilho, repassando-se da suavidade de Gesner sustentava o genero pastoril, e defendia Bocage. O Sr. Garrett, não disputando ás cinzas de Vate Elmano a gloria merecida, repugnava aos vicios e aos excessos dos imitadores e da propria escola, e não escondia o fastio das monotonas repetições em que luctavam as furias e as Gorgones com as Tisiphones e Megeras bramindo e pulando em estrophes excentricas, em versos inintelligiveis!

Toda a litteratura portugueza deste cyclo está de feito concentrada nos dois rivaes. O *Tolentino* na satyra de *Sociedade* tornára famosas as suas inimitaveis quintilhas. O *Lobo* nos sonetos criticos, tinha feito immortaes pelo ridiculo os costumes e fraquezas de nossos avós; mais de uma ponderosa cabelleira de polvilhos, sacudida em accessos de ira inundára de pés a pagina satanica, que a motejava. Mas eram paineis ligeiros — esbocetos parciaes. O grande quadro pertencia na realidade a Bocage e a Philinto.

Homem do povo, Bocage nunca renegou o berço. A sua vida inquieta e apaixonada, ora consumida no estudo, ora devorada por orgias e prazeres sem nome, foi uma tempestade permanente. Duas horas de paz, quanto dêra aquelle coração por as gozar? A bocca, donde o desregrado viver tantas vezes festejou o vicio, dietava com equal facilidade sonetos dignos do Aretino e Epistolas quasi rivaes de Ovidio. Com a dissoluta palidez estampada na face, com a fronte vergada ao pezo da ultima devassidão, furtava ás gemônias algumas horas para nellas fazer portuguezas « as me-

tamorphoses », o mais nacional talvez dos poemas Latinos; e muito tempo depois o Sr. Castilho ainda tremia de se medir com o poderoso Athleta, tendo Ovidio por certame, e a posteridade para juiz!

Depois de Camões, Elmano é o mais popular dos nossos poetas; — em um soneto comparando a sina d'ambos Bocage exclama com melancolia. « Como Camões fui pobre, fui malfadado! » Devia accrescentar — fui criminoso! — Os dois adociam da exaggerada sensibilidade, que é a corôa de espinhos debaixo da corôa de flores. Almas assim temperadas, no infinito do desejo, e na immensidade da esperança acham o seu martyrio. O que para os outros fôra riqueza é para ellas miseria; o que bastava para a ventura de um homem apenas chega para o seu infortunio. Alfredo de Vigny, em Chatterton, retrata esta consumpção moral da intelligencia, que em si propria morre, e a si mesma se condemna.

Arrebatado na corrente de uma vida de aventuras e de perigos Bocage não estudou o coração humano nos livros como a Arcadia; o seu livro foi o mundo. Aquella existencia não se espargiu reclinada nos molles sophãs, nem semelhante aos poetas pastoris espreitou as tormentas do céu pelas frestas dos paços, ou contou as dores do infeliz pelos ocios do deleite. A sua voz soluça as proprias magoas — o desventurado para cantar o infortunio não carecia senão de se vêr a si. Na solidão melancolica dos mares tambem, como Camões *ouviu gemer a lamentosa Alcione*, e mais de uma vez a morte *lhe acenou com as róxas agonias maldictas da esperança*. Balouçado nas vagas a saudade gemeu pela patria; o coração, quem sabe! chorou pelo amor. Quantas vezes curvo á prôa, penando ao desamparo, saudou com prazer a branca espuma, que *lhe vinha refrescar a fronte*, e comparou o abysmo rugidor aos abysmos em que a sua alma se perdia?

Poeta popular teve uma cruz pezada e uma expiação dolorosa. Pelas suas lagrimas aprendeu a conhecer quanto é cara a hospitalidade que invenena o pão do desterro. Nos palmares da India, pizando os vestigios de Camões, soube apreciar que a gloria é um minuto; que atraz do sol está o occaso e vò a noite! As suas paixões violentas eram as do povo donde vinha; como a delle a sua voz ergueu-se enérgica e forte; a sua Musa triste ou vingativa foi o echo da praça publica, que o pranto comove, que um grito enbravece.

Ninguem vulgarizou mais a arte. — Trovador por genio, o canto era a sua lingua — o verso a sua palavra. Á luz do dia, ao clarão do lua, diante das multidoes, ou no regaço da amizade nunca chamou debalde a inspiração. Para elle todo o auditorio era equal. Na praça, na solidão, ou na orgia alçando a fronte ao céu recebia o *estro*, e a poesia docil manava em torrentes dos seus labios. No meio dos braços, no ardor dos vivas que o victoriavam, a estatua erecta era a de um gigante; os olhos reluziam

como estrellas, o gesto amplando-se parecia achar pequeno o universo. *A mais!* era o seu grito, e as estrophes succediam-se, e o metro escravo fluia sonoro, e de esphera em esphera subindo sempre, a imagem e a melodia despentavam-se n'um turbilhão, entre mil figuras risonhas ou severas, que fugiam, como as visões inebriantes do opio no delirio dos sentidos. A magia destes momentos apenas se adivinha pelo entusiasmo, em que a consagra a saudade dos que ouviram Elmano, rei das canções no seu orgulho desafiar a morte, chamando sua á immortalidade!

É necessario, porém, não confundir o improvisador excentrico, o rebombante Elmano dos cafés e dos oiteiros com o nobre poeta auctor de «Leandro e Hero.» A melodia do verso e o sonoro do metro muitas vezes occultavam aos ouvintes absortos quanto era pobre o pensamento, que tão brilhantes gallas revestiam. O abuso da transposição, as repetições hyperbolicas, o tumido verso inchado ao vento de falsas imagens, são defeitos necessarios da imaginação licenciosa. Os imitadores abraçaram a nuvem, exaggeraram o erro, e fizeram da eschola uma bigorna olympica, em que martellavam no ouvido versos hydropicos, ridiculos, e gongoristas.

A posição de Bocage na poesia portugueza é uma posição eminente. Cabe-lhe a gloria de ter vulgarizado a arte, arrancando-a dos palacios e trazendo-a para o meio do povo. Ao auctor do Tritão, das Cantatas, e de tanto soneto excellente, ao sublime traductor de Ovidio e de Delille, e ao critico vingador, que imprimio no rosto do padre Macedo a unica satyra perfeita, que temos, deve-se muito para lhe negar um dos primeiros logares do Parnaso Portuguez. Se o infortunio, azedando-lhe a alma, maculou de fraquezas uma existencia, que nascêra para a gloria e nos peza vêr empanada de manchas, é justiça confessar que a sociedade foi para elle peor que madrastra, e que este bello genio, como o bobo na meia idade, foi objecto de prazer para todos, e de respeito para mui poucos. O lençol, em que o levaram á cova será um sudario de oprobrio para os que o não souberam conhecer. O derradeiro hymno, em que voou aos céos de certo remiu o peccador perante Deus; na presença dos homens é o genio quem absolve o poeta!

«Esta alma, que sedenta em si não coube»

«No abysmo vos sumio dos desenganos!»

Toda a vida de Bocage está nestes versos, os ultimos da sua harpa! O seu martyrio foi a intelligencia, o seu crime foi achar tudo pequeno, não lhe caber a alma sedenta, nem na terra nem no céu.

Quando o Sr. Garrett entrou na universidade o Mestre tinha desaparecido, e a eschola agonisava nos arcanos de uma poesia falsa e assoprada, em que o gesto tinha tudo a condemnar, e nada que aprender.

A reacção era por tanto indispensavel; não tardou;

no proximo artigo veremos de que modo se formou, e quem se collocou á sua testa hasteando a bandeira da poesia natural e verdadeira.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VI.

Nuvem e estrella.

(Continuado do n.º 6.)

Era a tarde do terceiro dia depois que Gomes Lourenço commettêra o rapto de Maria Paes. Encerrada n'um aposento, guardada com vigilancia, mas cercada de respeito, em todo este tempo a altiva dama cada vez sentiu maior pezar. Em vez de diminuir augmentava a sua dôr.

D. Maria tinha ainda todo o viçoso lustre da mocidade. Não era a flôr tenra, que de mimosa se despega; era a roza feita, aberta, e luxuriante, que nasceu bella, cresceu forte, sente a vida e ama a luz. As fórmas airozas, o talhe esbelto, o corpo flexivel como haste de junco novo, realçavam pela graça a immensa nobreza da phisionomia. Os cabellos pretos, ora em espiras ondadas fugiam da rede d'ouro e seda, ora soltos, folgavam brincando com o seio e pelos hombros; era uma belleza regular, mais severa que branda, como a representa ás vezes a esculptura grega. Os olhos, tambem negros, e tão negros, que cegava o brilho delles, na rara transparencia da sua chamma, quando queriam, sabiam dizer tudo — ou lhes luzisse rapida, a faisca da paixões, ou a languida esperanza chorasse nelles.

Ninguém diria, vendo-a — «Assim foi a formosura da antiga Venus Idalia.» — nella a elegancia era viril, e o garbo soberano; o que recordava era o typo da fragueira virgem dos bosques. Um romano que a apercesse, galloppando com as tranças livres ao doudejar da aragem, falcão em punho, e pregas do saio verde inchando na carreira, exclamaria logo — «E' Diana — a deusa caçadora!»

Linda como Diana é que ella passava, accesas as faces no ardor da caça, levando a buliçosa alegria de pagens e donzellas atraz de si; o latir das matilhas, o vozear dos monteiros adiante; e d'espaco a espaco reboando o som da buzina de prata, ora pela corôa dos montes, ora pelas quebradas do valle.

E foi assim que o moço Gomes Lourenço a viu correr ao lado de Sancho F. uma tarde de maio, daquella risonhas tardes que dá o céu da Peninsula, e se respiram ás margens do Mondego. Desse dia em

diante nunca mais a ponde esquecer. Alli nasceu, e d'alli medrou, banhado de lagrimas, o infeliz amor do amigo do infante D. Affonso. A inimidade que be-bêra com o leite da infancia; o odio que lh'ensinaram a balbuciar com as primeiras palavras; o orgulho da sua raça, que entrava com o sangue das veias no amago do coração, fundiram-se para sempre á luz daquelles olhos, um momento fitos nelle, ao prepassar. O homem de Riba-Douro, o neto dos Viegas de Salzedas acabou alli. Na alma só lhe morou um desejo unico — o de apertar ao peito o anjo, que fugira como visão celeste, e com elle nos braços perder o nome, a familia, e Deus até.

De noite, em sonhos que enlouqueciam, apparecia-lhe de repente; como lhe sorria na vista, a meiguice do amor! Que doce batia nas faces a respiração suave! Sentia arder nos labios o primeiro beijo, sentia-o depois queimar na alma. Que dôr atroz, quando, passando os dedos convulsos pelo resto, humido dos seus prantos, a verdade lhe dizia que a imagem dos seus desejos se reclinava no seio d'outro, tão feliz! Então o crime, assentando-se á cabeceira, insinuava-lhe o veneno daquelles olhos, estrangulava-lhe os suspiros no laço dos cabellos pretos, e cortava-lhe a alma com a inveja de tanta belleza, que era d'outro, de quem nem sequer ousava proferir o nome no segredo mesmo das veladas noutes.

Assim correram os mezes e passaram os annos, sem descanso na quella fadiga, nem refrigerio a tamanho martyrio. A amizade de Egas, seu irmão, tinha sido até ahí um culto para a sua alma; despegou-se tambem essa, como a ultima folha cãe á flôr morta. Condemnado a recolher silenciosamente no coração as lagrimas, a fechar nelle o amor, a desesperação e o crime, entre os homens e no mundo, era sombra do que fôra. Nos olhos, só, nesse verdadeiro espelho do espirito, é que ainda não morrêra. Lá vivia concentrada, indomavel, a fatal paixão que o consumia. O que elles fallavam, mudos; o que choravam, enxutos, o que no rapido fuzilar d'um momento sentiam e revelavam, nunca o souberam entender os que, vendo o cavalleiro de Salzedas tão differente, perguntavam se alguma fada lhe dera encanto, para elle envelhecer de quarenta annos. A amizade de Egas talvez suspeitasse a desgraça do cavalleiro — o que não adivinha o coração de um irmão? Mas se adivinhou foi discreta — soube occultal-a.

E D. Maria Paes? tambem essa a percebeu. Não é possivel ser mulher e por muito tempo ignorar o amor que nos acompanha a toda a parte. Por instincto, a irmã de Martim Paes foi a primeira a descobrir a funda melancholia do mancebo, e a penetrar o motivo della. Leu-a nos olhos, que a fitavam, se cuidavam escapar aos seus, e esmoreciam, tímidos, apenas se cruzava a vista. Viu-a nas faces pallidas, que se affrontavam de vivas côres ao enconral-a de repente. Em tudo a surprehendia; — na ternura da voz,

na hesitação dos olhos, na incoherencia das palavras. Em vez de reprimir, a dama ativa animou por leves favores o incendio, em que se gastava a vida do triste cavalleiro. Era orgulho, ou era calculo vingativo? Se foi um ou se foi outro, o segredo a ninguem o disse — mas bem cedo teve de se arrepender. O primeiro fructo colheu-o no castello d'Avellans; o segundo, o mais amargo, custou-lhe lagrimas e remorsos eternos.

Tudo isto a opprimia de terror no alcaçar de Gomes Lourenço. Nas mãos do homem, de quem escarnecera o amor, convertendo-o em recreio das horas vagas, D. Maria, offendida, ultrajada, mais de uma vez resistiu á tentação de se precipitar no leito de pedras do valle que se torcia em baixo. Não menos altivo, o cavalleiro de Salzedas continha-se, disfarçando a sua paixão. Nas breves e curtas palavras que tinham trocado distinguia ella a vontade imperiosa da aborrecida casa de Riba-Douro. Por instantes uma duvida cruel passava-lhe pela idéa, fulminando-a. Aquelle amor, de que tinha imaginado zombar, seria um laço, como o falso agrado, o traçoieiro rizo de que ella o embalára? A vingança vestia as côres da paixão para ferir mais certa? Suppol-o era enlouquecer. Um rapto só para infamar a nobreza de uma dama, era a mais atroz de todas as injurias.

Sombrias como estas eram todas as suas reflexões nos dias que durou o captiveiro. Na tarde em que estamos, antes do pôr do sol, ouviu descantar debaixo da torre. Com que alvoroço, ao debruçar-se da janella, conheceu o escravo mouro de seu irmão! Não a tinham esquecido. Lá fóra havia quem trabalhasse para lhe restituir a liberdade.

D. Maria repetiu as ultimas palavras da cantiga, e o pagem, olhando para cima, mostrou um ramilhete. Creados por uma velha africana, os dois irmãos aprenderam della a poetica lingua dos jardins. O ramilhete subiu por um cordão, e com as mesmas flôres se compoz a resposta ao recado symbolico. O escravo apanhou-as, e desapareceu. Momentos depois as sombras cresciam no valle, e só de vez em quando se avistava ao longe o vulto do pastor, encaminhando-se á pressa pelo trilho das montanhas.

Desfolladas nos dedos as violetas e os lyrios junca-vam o chão, aos pés da dama de Lanhoso, enlevada em meditações profundas. No rosto immovel, na vista pasmada, a vida parecia paralyzada. Apenas um sorriso apagado tremia nos labios, onde os sons temiam ser indiscretos. O que ia lá dentro era muito intimo para se desaffogar em palavras. — Nos olhos, ás vezes, fuzilava um relampago de odio, de esperança, ou de terror — e depois amorteciam-se as palpebras sobre as pupillas negras e sem brilho.

Ainda estava suspensa no vago reflectir, quando se abriu a porta do aposento, e Gomes Lourenço appareceu aos umbraes. Um grito della, um suspiro

delle, e d'ahi o mais completo silencio — disseram tudo o que ambos tinham sobre o coração.

O saio escuro, o cinto e a capa da mesma côr estavam em harmonia com a pallidez do mancebo. Chegando ao meio da vasta quadra, ergueu a vista e fitou-a em D. Maria. Era lento, doce, e profundamente triste o seu olhar.

Porque tremia ella? Pedia ha pouco a Deus que o tocasse a vir alli, e agora não tinha animo para o receber? — Ella que tão de perto estudara as paixões e as fraquezas de muitos homens — que o mundo chamava grandes — porque não se atrevia a lêr na alma de um mancebo que a não sabia conter, que a não queria fingir, e tinha só no coração e na bocca um sentimento e uma palavra — amor!

D. Maria receiava mais o fogo daquella paixão do que os calculos pacientes do odio. De tudo, o amor é o que mais custa a simular, quando os olhos que nos vêem o fallam, o choram, e o adivinham!

E ella, para sahir d'alli, precisava fingir que amava mais, ou pelo menos tanto como o infeliz.

Por isso tremia e vacillava. Escapou-lhe, quasi envergonhada, uma lagrima, e veio queimar nas faces; o seio anciado arfava que fazia ranger as roupas. Quiz levantar-se, e os joelhos desciam; quiz fazer um signal com a mão, e o braço estava mortal. Abria a bocca para fallar, e as palavras, suffocadas, não se articulavam. — Um deslumbramento repentino cegou-lhe a vista.

Entre tanto contemplava-a Gomes Lourenço com uma ternura ineffavel.

Sem luz nos olhos, sem côr nas faces, verdadeira imagem da aflicção, D. Maria era ainda mais bella do que no orgulho de todas as galas da formosura.

Depois de a estar contemplando grande espaço, o mancebo ajoelhou, e, pousando um beijo na mão que pendia fria, com um suspiro alto exclamou:

— « Meu Deus, que immensa dôr é amar assim! »

Quando este grito sahia da alma do cavalleiro, ia ella tornando a si; e, abrindo frouxamente os olhos, deixou cahir sobre elle a vista turva, onde o alvoroço da esperanza brincava radioso. Depois um véu de timidez empanou-lhe o brilho, e uma lagrima furtiva pendeu das pestanas assedadas. Um sorriso, ao mesmo tempo meigo e triste, adejou, sem as desabotoar, pelas rozas daquella bocca, de que o mancebo esperava ouvir bem severos queixumes.

Gomes Lourenço fez-se côr de purpura, e depois branco como um lyrio. Subjugado pela adoravel fascinação daquelles olhos, nem deu mais uma passada, nem disse uma palavra, nem ousou desprezar a vista delles.

Nenhum delles fallava. O mancebo porque não podia, a dama porque ainda não ousava. Queria asseverar o espirito, e medir os gestos e as palavras; porque uma de mais era bastante para a perder. — Em

fim, com ar magoado, correndo os dedos afilados e rozados pela testa:

— « Que mal faria eu, fraca mulher, para chegar a esta dôr! exclamou ella, e, sem esperar resposta, accrescentou, não fitando nelle a receiosa vista: — Oh, quem me dissera isto naquelle dia á noite! — e, virando-se para o cavalleiro subitamente, perguntou: — Não vos lembraes delle, nem do sitio onde foi! »

— « Lembro, senhora. Aquella tarde de março, na coutada de Lorvão, como havia d'esquecel-a?... Os felizes só é que se esquecem. Se eu a pudesse tirar d'aqui?! »

— « Era melhor para ambos » acudiu ella entristecendo.

O mancebo côrou. D. Maria ensinuava-lhe que o seu amor só na apparencia fôra desprezado. Dava-lhe a entender que, similhante ao delle, gemera dilacerando-se em silencio nos laços do dever, ou do receio. A vista, que então encontrou a sua, dizia tanto, que as palavras eram nada ao pé daquelle fogo. Gomes Lourenço accreditou-a. Podia elle duvidar da unica esperanza que lhe promettiam no fim de tantos annos? Se a experiencia e a suspeita lhe diziam « não cedas, olha a realidade » o coração, cansado, apegava-se ás illusões para não morrer. De que tinha horror era de viver sem fé.

— « Melhor?!... Quem não amou nunca sonbe o que era viver... E entre tanto melhor fôra não existir, do que gemer esta vida, sem esperanza, sem mocidade, sem nada! »

— « E se vos dessem esperanza tinhaiis fé? »

— « Oh, se m'a dessem!... Mas a esperanza ninguem m'a pôde dar, senhora. »

— « Ninguem? »

— « Ninguem hoje. »

— « Nem Deus?! »

— « Nem vós, senhora! Já não creio. »

UMA immensa perda acaba de ter a França, e o mundo, com a morte de Mr. de Chateaubriand, cujo nome e reputação litteraria são tão grandes que poderiam sós encher a primeira metade deste nosso seculo, se a providencia lhe não tivesse erguido ao lado outros colossos, que lhe não diminuem a grandeza, mas que o não deixam isolado nas regiões elevadas onde paira o genio.

Mr. de Chateaubriand morreu de idade de setenta e nove annos, no dia 6 de Julho, e foi dado á sepultura no dia 8, na igreja das Missões-Estrangeiras, onde se reuniu quanto havia de mais consideravel em Pariz, tanto na politica como nas lettras. Antes de descerem o caixão que encerrava os restos do nobre poeta ao carneiro da igreja, onde deve ficar depositado até se transportar para o tumulo mandado construir por Mr. de Chateaubriand em Saint-Malo, Mr.

Patin, director da Academia franceza pronunciou o seguinte discurso.

«Senhores, funeraes succedem a funeraes. Ha dous dias a França conduziu ao tumulo os restos desses cidadãos generosos que salvaram, á custa do proprio sangue, a ordem social: hontem, honrava com as suas lagrimas o pontifice que deu santa, e heroicamente, a vida pelo seu rebanho; e hoje ainda lhe é mister enterrar o primeiro dos seus escriptores, aquelle de quem as letras contemporaneas receberam impulso e vida, a quem, mais do que a qualquer outro, deverão o logar que o futuro lhes poderá assignar ao lado das grandes epochas do espirito francez.

Vae fazer proximamente meio seculo que appareceram, com curtos intervallos, — o *Genio do Christianismo*, *Atala*, *René*, *os Martyres*, *o Itinerario de Pariz a Jerusalem*, produções brilhantes, que causaram um espanto geral; produções fecundas que mudando o curso das idéas e dos sentimentos, fazendo entrar de novo as imaginações no caminho ha muito abandonado, abriram a todos os trabalhos do pensamento, critica, historia, e poesia, uma carreira nova.

Uma voz moça, com um accento desconhecido, cheia de força, de vivacidade, de encanto, impondo imperiosamente silencio a injustas zombarias, celebrava nellas com eloquencia a belleza moral e poetica desta religião, cujos altares uma mão forte acabava de alevantar. A propria antiguidade profana, tantas vezes explicada, interpretada por tão grandes mestres, ganhava allí nova luz, em engenhosos parallellos com os movimentos da arte christã. Quadros onde se exprimiam, no seu bronco barbarismo ou na sua simplicidade innocente, os costumes das edades antigas, revelavam allí o segredo, felizmente divulgado depois, de uma verdade de pincel estranha até então nos nossos annaes. Descrições de um colorido variado e vivo, rasgos apaixonados de uma energia penetrante, attestavam allí as descobertas feitas em todos os climas e em todas as dobras do coração humano, por uma juventude entusiasta e atormentada. Em fim, contemplava-se naquellas obras com espanto a maravilha nascente de um estilo verdadeiramente original, por vezes repassado de tristeza, por vezes resplandecente de imagens, que, d'um lado, se prendia respeitoso ás severas tradições do seculo decimo-septimo, d'outro, se deixava arrastar com felicidade ás liberdades atrevidas, e aventurosas; que, por uma harmonia quasi musical, pela audacia das figuras, se aproximava, sem o transpôr, do limite indeciso em que a proza raia pela poesia.

Esse estilo, de uma flexibilidade admiravel, moderou-se sem esfriar, reduziu-se a não ser senão forte e vehemente, quando o curso dos annos desviou a ambição litteraria de Mr. de Chateaubriand para as composições historicas, quando a grande mudança que chamara a França, já livre, á discussão dos seus in-

teresses, fez delle um publicista e um orador. Tantas luctas memoraveis ás quaes nós temos assistido depois, não teem feito esquecer a ninguem o ardor infatigavel, a incomparavel facundia que elle empregou na polemica, com uma paixão, que nunca deixou de ter nem generosidade nem grandeza.

O cantor dos *Martyres* «deixando a lyra com a mocidade» tinha dito á sua musa: «O' musa! não olvidarei tuas lições; não deixarei cahir o meu coração das regiões elevadas em que o collocaste.» Devem-se-lhe louvores, porque não faltou á sua promessa. Não me pertence, nem é até o logar proprio, apreciar os partidos, os homens de Estado que a nossa epoca tem visto misturar-se, succeder-se em tão grande numero na scena agitada das nossas dissensões civis. A historia os julgará e dará a cada um, na sua imparcialidade, a parte que lhe compete de elogio ou vituperio. Mas nós não esperaremos a sua sentença para proclamar que Mr. de Chateaubriand, em toda a parte onde os seus raros talentos acharam emprego notavel, nos conselhos do paiz, no gabinete dos principes, nos congressos, entre os inevitaveis desvios da vida a mais tumultuosa, se mostrou constantemente preocupado do cuidado das nossas liberdades dentro, do nosso poder, da nossa dignidade fóra; que buscou sobre tudo a unidade da sua carreira politica nos sacrificios extraordinarios pelos quaes, no principio e no fim, testemunhou a sua inalteravel fidelidade a outros infortunios.

A recompensa não lhe faltou; o respeito publico, que nem sempre acompanha a gloria, seguiu-o a esse retiró da vida privada e das affeições domesticas, para onde passo a passo se retirou, se recolheu a sua velhice fatigada; e, d'ahi, o seu nome, tanto tempo misturado nas disputas violentas das escolas litterarias, dos partidos politicos, e que tinha sahido desta prova por um raro privilegio, grande e honrado, irradiou com um brilho puro por cima das nossas tormentas.

Ah! n'estes ultimos tempos, o pezo da idade, a dôr de perdas crueis, o encaminhavam visivelmente para o termo fatal, que tinha ha muito, como bom christão, olhado sem terror, mas de que se desviavão os seus amigos, os seus numerosos admiradores, que elles procuravam esconder-lhe. A Academia Franceza esperava com ansiedade o momento em que lhe seria mister separar-se de todo do illustre collega que tinha sido, por longos annos, o seu orgulho e o seu melhor ornamento. Quando este momento, ha muito previsto, chegou, ella experimentou uma dôr de que eu quizera ser um interprete menos impotente, uma dôr que não levará este adeus supremo, e que augmentará em nós com o progresso da nossa admiração para uma nobre vida e obras immortaes.